

CINISMO E XXY: A CONSTRUÇÃO DA INTERSEXUALIDADE NA ARTE
Eixo Temático ET1- A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as
Diferenças, Corpo (s), Gênero(s) e Sexualidade (s)

João Gabriel Ribeiro Passos ¹
Rodrigo Corrêa Martins Machado ²

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar comparativamente o filme *XXY*, de Lucia Puenzo; e o conto *Cinismo*, de Sergio Bizzio, fonte de inspiração para o filme, a fim de se explicitar como são dadas as relações de gênero, especialmente no que tange a intersexualidade, em ambas as obras. Visa-se ainda tentar compreender os debates suscitados e as especificidades da construção e abordagem do corpo *intersex* em ambas as mídias. Pretende-se com esse estudo contribuir para o avanço do debate de gênero na esfera artístico-cultural, para o entendimento das relações sociais que se edificam diante da intersexualidade e para a compreensão dos processos de adaptabilidade de uma arte para outra.

Palavras-chave: Cinema latino-americano; Conto; Gênero; Intersexualidade.

INTRODUÇÃO

A intersexualidade, ao contrário do que determinados discursos reacionários e conservadores tentam apontar, não é um fenômeno novo, e suas discussões tão pouco são recentes. Lastreando diacrônica e historicamente, observamos que a experiência da intersexualidade ocupa e suscita, há séculos, debates que perpassam a filosofia, a medicina, o direito, a literatura e a teologia. O conceito de hermafroditismo, por exemplo, surge ainda na Grécia antiga, num mito que narra que os deuses Hermes e Afrodite, enamorados, tiveram um belo e atraente filho chamado Hermafrodito. Pela lenda, ele teria despertado a paixão e o amor de uma ninfa, que, não sendo correspondida, orou aos deuses para que se juntasse ao corpo de seu amado e com ele se tornasse um só.

¹ Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Federal - UFOP, joagabrielribeiropassos@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Estudos da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Professor Adjunto no Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, rodrigo.machado@ufop.edu.br.

Chegando no século XIX, os antigos e assim chamados hermafroditas, cuja regulação corporal antes era promovida por legisladores, juízes ou padres, gradativamente serão rearranjados a partir de critérios iminentemente científicos, assim sendo entendidos, em nível biológico, como consequência de um desenvolvimento sexual incompleto, inacabado. O ponto de culminância deste pensamento é o século XX, no apogeu do pensamento racionalista e científico, que colocando a medicina num posto de autoridade concreta e inflexível, realoca o *intersex* para posição de objeto de estudo encarando-o como um sistema a ser decifrado, um boneco desumanizado que deve ser anatomicamente analisado. Na contemporaneidade, herdeira direta destes valores, a intersexualidade segue sendo patologizada e entendida como condição negativa, como um processo a gerar indivíduos anômalos, doentes e estranhos. Embora não tenha um sentido estritamente violento, termos mais atuais no que concerne à literatura médica, como *Disorders of Sex Developments* ou *DSDs* -

-, e mesmo com a *Intersex Society of North America* (ISNA) promovendo seu uso, já indicam uma espécie de compreensão do *intersex* como alguém a ser ordenado, corrigido ou curado.

O ponto central destes exemplos é observar que intersexualidade, gênero e sexualidade não são condições preconizantes, imutáveis, ahistóricas ou amateriais, supostamente inscritas num essencialismo sexual que concebe de forma rígida e estanque o movimento das ideias, mas sim como fenômenos circunscritos à realidade concreta, cultural, política e econômica de determinadas sociedades. Embora tenhamos nos ocupado da evolução do conceito na mentalidade europeia, vale mencionar que noutras partes do mundo a intersexualidade pode se apresentar de formas radicalmente distintas.

os quais recompensam e encorajam alguns indivíduos e atividades ao passo em que
UBIN, 2003, p.50). As experiências corporais e sexuais não podem ser compreendidas em termos puramente biológicos, pois a sociabilidade humana é condição nevrálgica para o seu desenvolvimento.

No mundo ocidental, o *intersex* foi recorrentemente tratado em níveis intensos de violência e desumanização. Este mundo, calcado em valores puramente dualistas, ou seja, organizando a vida social em torno de pares de conceitos, imagens e ideias, em última instância, opostos, raras vezes se ocupou de lidar com as contradições imanentes que emergem desta visão estreita do mundo. A repressão, exclusão e marginalização

constantes dos *intersexs* provêm, precisamente, do desafio que impõem, com suas próprias existências, aos parâmetros e diretrizes binárias usualmente admitidas como descrição geral e universal da humanidade. Afinal, são justamente aqueles que nascem com órgãos reprodutivos, anatomias sexuais ou ordens cromossômicas que escapam à assunção típica de masculinidade e feminilidade. Mauro Cabral filósofo, militante intersex e trans argentino argumenta, precisamente, que:

O conceito chave para compreender do que falamos quando falamos de intersexualidade é o de variação. Portanto, quando dissemos intersexualidade nos referimos a todas aquelas situações nas quais o corpo sexuado de um indivíduo varia em relação ao padrão de corporalidade feminina ou masculina culturalmente vigente. [...] Portanto, quando falamos de intersexualidade nos referimos a um corpo em particular, senão a um conjunto muito amplo de possíveis corporalidades, cuja variação em relação à masculinidade e à feminilidade corporalmente típicas, é dada por um modo cultural, biomedicamente específico, de olhar e medir os corpos humanos. (BENZUR, CABRAL, 2005, p. 284).

Tendo em vista todos estes elementos, o filme *XXY*, de Lucía Puenzo, estreado em 2007 e aclamado internacionalmente, é um *corpus* de análise importante, pois consegue operar, pelas vias da cinematografia, a humanização da intersexualidade, numa representação lúcida e sensível das dores, dilemas, contradições e opressões que permeiam a vida de *intersexs*, mas também de suas vitórias, amadurecimentos, superações e felicidades. Com o filme, a diretora propôs-se a adaptar o conto *Cinismo*, do também argentino Sergio Bizzio. Partindo de tais premissas, ambos constroem narrativas que procuram questionar e discutir as formas pelas quais a sociedade lida com os indivíduos que não se encaixam com os moldes de gênero tradicionalmente normatizados. Não somente isto, eles empreendem um esforço ativo a fim de naturalizar a intersexualidade e montar uma obra que tenta destrinchar, pela arte, a experiência *intersex*. Numa histórias sobre este assunto, há um estranho silêncio cultural sobre ele. Se o tema é explorado é na linguagem do testemunho, do diagnóstico médico, mas quase sem ficções, como se o assunto fosse um tabu para qualquer tipo de poesia e ficção em torno dele, (THERANI, 2006, s/p).

O presente trabalho se propôs, assim, em investigar, no interior de *XXY* e *Cinismo*, os sentidos originários da representação da intersexualidade na arte e quais são suas implicações para a luta política no contemporâneo. Metodologicamente, empreendemos um pormenorizado estudo das especificidades da linguagem e narrativa do conto e do

filme e da natureza do discurso médico-científico, sob a justificativa de contribuir no avanço do debate de gênero na esfera artístico-cultural. Não obstante, o pensamento de figuras como Michel Foucault, Judith Butler, Paula Machado e Nadia Pino foram fundamentais para consolidar o aporte teórico que embasa nossas reflexões.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O projeto metodológico desta pesquisa voltou-se, fundamentalmente, em coletar, selecionar, organizar e interpretar diferentes dados e textos que permitissem o embasamento teórico do estudo em análise. Para tal, uma vez delimitados os eixos temáticos que abrangeram a pesquisa, procuramos uma vasta gama de referências concernentes à crítica cinematográfica e literária, aos estudos de gênero e sexualidade, numa ótica que abranja a construção histórica e conceitual dos mesmos; às pesquisas acerca do policiamento e controle do corpo e da sexualidade; e, por fim, os materiais construídos por nossos pares acerca do filme *XXY* e o conto *Cinismo*, a fim de examinar as múltiplas interpretações diante dos textos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O eixo teórico nodal que atravessa este trabalho se concentra na reflexão conceitual acerca dos processos de sujeição e abominização por meio de um essencialismo genérico-sexual dualista. Essa matriz de sujeição-abjeção necessita de um amplo conjunto de saberes que lhe justifiquem, que forneçam um substrato teórico que respalde a prática, retroalimentando-a. Para tal, toda sorte de campo é trago à baila a fim de mobilizar uma normatividade. A normatividade não possui uma dimensão meramente impositiva, no sentido de direcionar e obrigar forçosamente os indivíduos a aderirem a determinados traços de conduta. As normas atuam, ao contrário, no sentido de criar um parâmetro para a conduta social, colocando certos atributos e características em condição de centralidade, expandindo e impondo-os como universais, adotando-os como referenciais absolutos, e direcionando o pensar, o agir e o existir, mesmo daqueles tidos como desviantes, em relação a este centro. Assim, não existem meios artificiais de desnaturalizar estes pressupostos sem haver uma preocupação estrita em transformar radicalmente as formas de consciência e os mecanismos objetivos de opressão e exploração. Superar as condições

de opressão de gênero e sexualidade perpassa superar a própria norma binária que estrutura as relações sociais.

Nestes moldes, a intersexualidade representa uma quebra clara da normatividade compulsória dos corpos e das identidades, pois evidencia a restrição das identidades de gênero ao binarismo homem-mulher e a das identidades sexuais a uma suposta coerência múltiplos campos, a humanidade é cindida anatomicamente entre homens e mulheres, estabelecendo destinos incontornáveis, masculinidade e feminilidade; determinações cromossômicas fixas, XY e XX; e genitálias únicas, pênis e vagina.

Mas e se, após o nascimento de uma criança, a genitália pela gônada e uretra, por exemplo, não se desenvolverem - não se enquadrar no modelo padrão, não responder à pergunta: É menino ou menina? Ou então, e se o indivíduo nascer com um cromossomo extra (XXY). É menino ou menina? Ou quem sabe nasça com dois cromossomos X, útero, ovários, e ainda assim um pênis? É menino ou menina? Impossibilitado de responder essa pergunta, o binarismo sexual colapsa em si mesmo; a mera dubiedade confronta os signos estabelecidos; a ambiguidade não corrobora os discursos; a variedade representa uma subversão. Em razão de uma formação biológica distinta, que não permite o enquadramento binário, a existência de intersexs manifesta, por si só, um confronto à ideologia dominante. Seus corpos, enquanto sistema de signos, esfacelam a dicotomia estabelecida. A resposta a isto: eles devem se adequar ao modelo teórico vigente por meio -los à um dos gêneros, readequando-os à norma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tanto o cinema quanto a literatura em prosa possuem recursos e mecanismos específicos no trato da comunicação, e a abordagem do corpo intersex em cada uma das artes explicita essa condição. Em *Cinismo*, a intersexualidade é suprimida na maior parte do conto e só se insere, textualmente, nas vias do seu término embora o texto preteritamente deixe indícios subliminares -, mas não se furta de investigar questões fundamentais sobre sexualidade e corporalidade, enfocando a narrativa principalmente no descobrimento e exploração sexual de dois adolescentes e na psicologia controversa das

demais personagens. *XXY*, por sua vez, sendo uma obra sincrética fruto da interação de linguagens gestuais, verbais, visuais e sonoras, concentra uma discussão igualmente prolífica sobre a sexualidade adolescente, mas inclui uma discussão mais ampla sobre a condição dos sujeitos e corpo intersex numa sociedade heterocisnormativa, evidenciando a subversão e o enfrentamento que eles simbolizam para um mundo dividido binariamente. O espaço do conto e do cinema se transformam, pois, num espaço de luta

revoltosas, sem medo de confrontar tabus ou tocar em temáticas espinhosas, elas permitem vislumbrar-se a passagem de um modo de vida alienante e exploratório para outro livre, igualitário e justo. Não se pode deter a marcha da História, segurá-la pelos cabelos, mas isso implica que sua dinâmica é maior do que nossas reles aspirações, e por tal, sempre haverá um fio a ser rompido para inverter radicalmente o estado das coisas. Talvez a arte, em sua capacidade de transmitir o que há de particular no universal, dando voz àqueles cuja humanidade foi negada consiga gerar um senso de comunidade e organização capaz de romper esse fio, fazer com que tudo que estava por baixo vá para cima, fazer com que o sacrificial de tantos não seja em vão. As obras de Bizzio e Puenzo são aquelas que trazem pelas espécies da imagem, do texto ou do som, como diria Alfredo Bosi, uma realidade pela qual, ou contra a qual, se vale a pena lutar.

REFERÊNCIAS

BENZUR, G.; CABRAL, M. Cuando digo intersex: un dialogo introductorio a la intersexualidad. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 24, p. 283-304, 2005.

PINO, N.P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 28, p. 149-174, 2007.

RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sex0.pdf
Acesso em: 01 fev. 2022

THERANI, B. **An interview with Lucia Puenzo, director of XXY**. 2007. Disponível em <http://www.cinemawithoutborders.com/news/127/ARTICLE/1477/2008-02-20.html>. Acesso em 01 fev. 2022.